

APRESENTAÇÃO

Júlia Pessôa Vargas¹

Ramon Silva Costa²

É difícil imaginar um aspecto de nossa sociabilidade que não esteja, em certa medida, contemplado em redes digitais. Nossas possibilidades de comunicação e interação foram potencialmente e exponencialmente redimensionadas pelo avanço das mais diversas tecnologias digitais. Isso não quer dizer que ultrapassamos ou abandonamos nossa socialização em meios físicos, mas de fato já superamos uma discussão dicotômica sobre real e virtual e alcançamos uma realidade em que o progresso tecnológico perpassa substancialmente nossas esferas pública e privada, gerando alcances e efeitos distintos, de acordo com o cenário sociocultural e até mesmo com a experiência individual ou coletiva das pessoas.

Nesse sentido, o presente dossiê foi pensado a partir da oportunidade de reunir trabalhos relevantes e diversificados sobre estudos de gênero e sexualidade na cibercultura, entendida por Pierre Lévy (2001) como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Assim, o objetivo deste trabalho é fomentar a produção, discussão e análise de pesquisas sobre temas relacionados às práticas e identidades dissidentes no meio digital. A proposta engloba pesquisas teóricas e empíricas com enfoque em questões acerca dos padrões de gênero, masculinidades e feminilidades, feminismos, interações sexuais e afetivas, discriminação e marginalização de pessoas e práticas dissidentes, disputas de poder e processos políticos e educacionais.

Nesse contexto, compreendemos que o gênero e a sexualidade se encontram em uma arena de disputa cada vez mais acirrada, devido a emergência e sustentação de discursos conservadores e opressores, alçados por instituições religiosas, sociedade civil ou pelo próprio Estado por meio de omissões e cortes em políticas públicas específicas de proteção dos direitos fundamentais de mulheres, pessoas não heteronormativas, não brancas e que

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra em Comunicação e especialista em Relações de Gênero e Sexualidades pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Direito e especialista em Relações de Gênero e Sexualidades pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

dispõem de menores recursos socioeconômicos. Dessa forma, concordamos com Gayle Rubin (1993) que em seu texto *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*, aponta que em um cenário de crises institucionais e modificações sociais e políticas, questões atinentes à sexualidade são colocadas como alvos de ataques por atores políticos e sociais, sendo mais politizadas e causando a diminuição de garantias ou o desmantelamento de conquistas anteriores.

Nesse ponto, destacamos a importância de pensarmos sobre gênero e sexualidade, acompanhando o desenvolvimento de novas questões e desafios no âmbito político e social. Isso justifica a especificidade deste dossiê em temas relacionados à cibercultura, tendo em vista que as redes de relacionamento, consumo e informação remodelaram nossos sentidos de tempo/espço e merecem atenção nas produções em Ciências Sociais e Humanas, para que possamos acompanhar e compreender as formas de subjetivação, interação e até mesmo os conflitos dispostos na cibercultura. Esse contexto é o que permeia este trabalho e está alinhado com o compromisso de desenvolvermos estudos sobre tecnologia e sociedade partindo de uma perspectiva sobre os marcadores sociais da diferença como raça, classe, gênero e sexualidade, visto que esses fatores podem repercutir de maneira significativa na forma de apropriação da tecnologia e em seus usos para participação social, cultural e política.

Diante disso, passamos para a apresentação dos dez artigos selecionados para compor o dossiê. A seleção não foi uma tarefa das mais fáceis, recebemos vinte propostas, com múltiplos enfoques e elaboradas com dedicação por um grupo de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes áreas. Portanto, antes de tudo, agradecemos pelas submissões e enfatizamos nossa alegria e responsabilidade em construir este trabalho com contribuições tão valiosas que nos foram confiadas.

O artigo "Discreto, sigiloso, não afeminado: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr" abre o dossiê e já sinaliza a relevância de discussões sobre performances de gênero e sexualidade dissidentes. O Grindr é um aplicativo (app) popular, criado em 2009, sendo o primeiro a utilizar a tecnologia de geolocalização para busca de parceiros. O app é utilizado majoritariamente por homens cisgêneros que buscam por relações sexuais e afetivas entre eles. Dessa forma, a privacidade entendida como sigilo e a discrição sobre a identidade e práticas homoeróticas tornam-se

fatores preponderantes para muitos usuários que não querem ser identificados como homossexuais (MONICA; COSTA, 2020). Nessa conjuntura, o artigo analisa as representações que os usuários fazem de si mesmos e do outro em seus perfis virtuais, a partir de um trabalho de campo realizado em um contexto fronteiriço (Foz do Iguaçu – BR; Ciudad del Este – PY). A metodologia engloba uma análise dos discursos de autorrepresentação dos indivíduos, o que contribui para uma compreensão sobre distintas performances de masculinidades.

O Grindr mostrou-se um campo de pesquisa expressivo para os temas de gênero e sexualidade na cibercultura, quatro submissões tratavam de pesquisas realizadas no app, e além da já citada, o dossiê segue com o artigo “Eu acho que crescendo nós vemos certos corpos e certas raças tendo mais exposição e atenção e você pensa: ‘Ah isso que é beleza, com isso que você precisa se parecer.’” – disputas, negociações e (re)construções das masculinidades entre o online e o off-line”. O título faz menção a uma frase dita por um usuário do app ao relatar suas experiências na série virtual *“What The Flip”*. O trabalho centra-se em um vídeo da série em que dois usuários do app conversam sobre suas experiências em diferentes perspectivas relacionadas ao tipo físico e aos efeitos da heteronormatividade presente na rede. O texto apresenta uma análise sobre a naturalização da heterossexualidade no meio social, os padrões estéticos e de masculinidade, articulando o conceito de dispositivo da sexualidade de Michael Foucault (1988) e apresentando uma ampla investigação teórica e analítica sobre as questões de gênero e sexualidade que podem ser tensionadas ao observamos a plataforma.

O terceiro artigo, intitulado “Estalqueando Verónica: ativismo e mediação sociocultural da transgeneridade em meio à pandemia”, acentua a complexidade que o debate sobre gênero pode atingir, ao tratar da transexualidade, arte, ativismo e redes digitais. O trabalho baseia-se em um estudo de caso instrumental das performances da artista trans Veronica Valenttino, ocorridas de forma virtual devido ao atual contexto de pandemia do COVID-19. A pandemia remonta importante fator de análise sobre as formas como as plataformas digitais tem sido apropriadas de diferentes maneiras por diversos atores, com múltiplos objetivos, em especial para performances artísticas, possibilitando um meio facilitador do acesso à cultura e ao entretenimento em um cenário de isolamento social. Nesse sentido, o artigo aborda a forma como a artista remonta sua arte e política em um formato,

sendo a rede um campo potencialmente produtivo para o alcance de suas mensagens, compreensão e visibilidade de corpos e causas trans.

Seguindo na temática da transexualidade, o artigo “Do mundo off-line para o online: discursos em rede contra a inclusão de atletas transexuais” aborda um contexto específico sobre pessoas trans no esporte, trazendo relevante discussão sobre o uso de redes sociais como forma de propagação da desinformação e de discursos de ódio, fundamentados por transfobia. O trabalho empírico-qualitativo desenvolve-se a partir da análise de conteúdo de uma publicação sobre o processo de inclusão de mulheres transexuais no esporte de alto rendimento, disposta no Facebook, mais precisamente na página “Quebrando o Tabu”. A análise dos comentários contrapõe as perspectivas de distintos atores, dando ênfase aos discursos biologicistas como legitimadores de transfobias e aos usuários que abordam a questão de forma inclusiva. Assim, a pesquisa avança para uma compreensão sobre as disputas discursivas e de poder sobre gênero e transexualidade, por meio de uma análise acertada acerca da estrutura da rede digital e seus mecanismos comunicativos.

O artigo seguinte inicia mais propriamente uma discussão sobre as relações de gênero como relações de poder, opressão e resistência, especificamente na forma como as masculinidades e feminilidades são construídas. O texto intitulado “Masculinidades ameaçadas: o pornô de vingança como prova de virilidade” empreende uma investigação teórica a partir de referenciais inovadores para a abordagem do tema. O trabalho desenvolve uma compreensão sobre a construção de uma masculinidade viril, heteronormativa e violenta que possui como contraponto relacional, a feminilidade passiva, frágil e oprimida. Assim, a análise expande-se para o contexto digital, demonstrando como essas construções, por vezes hegemônicas, de papéis de gêneros, acabam por fundamentar a pornografia de vingança na rede, sujeitando mulheres ao escrutínio público sobre suas sexualidades. Essa conduta é posta em prática como forma de legitimar a masculinidade dos homens com os quais as vítimas se relacionaram demarca uma posição de inferioridade e desprezo moral para as mulheres, por viverem uma sexualidade fora do padrão reprimido e privado, que é aceito socialmente.

A ruptura com o discurso normatizador que tenta circunscrever as práticas sexuais também norteia o artigo “Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais”. Por meio de análise de sites

especializados, análise das dinâmicas sexuais e sociais inscritas neles e também depoimentos e entrevistas de mulheres gordas (incluindo atrizes pornô), o trabalho chama atenção para a emergência de práticas e desejos que transbordam a sexualidade heteronormativa e propõem novas práticas sexuais. Ao mesmo tempo em que descreve práticas como o *facesitting* e a ingestão de alimentos calóricos, gordurosos e coloridos como fonte de prazer e de desejo sexual do ponto de vista empírico da pesquisa, a autora percebe uma resignificação do corpo gordo, mobilizando conceitos teóricos que permitem a compreensão desta corporalidade fora do espectro que lhe é atribuído socialmente, de abjeto (PRECIADO, 2014). Assim, os corpos de mulheres gordas e os prazeres dissidentes construídos a partir deles, por eles e neles romperiam, segundo a autora, com a heterossexualidade falocêntrica e encontrariam, na contrassexualidade (PRECIADO, 2014) que constroem, existência, resistência, desejo e prazer.

O corpo feminino também está no centro da análise do artigo “Um estupro de sessenta mil: feminismos 2.0 e a circulação do conceito de cultura do estupro”. O trabalho investiga o caso hediondo do estupro coletivo de uma adolescente por 33 homens ocorrido na comunidade do Barão, Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 2016. No estudo de caso, a cibercultura tem um papel crucial, pois foi por meio da publicação de um vídeo do estupro na internet que a atrocidade veio a público. “*Amassaram a mina intendeu ou não intendeu*”: a legenda do vídeo, carregada de certeza de impunidade revela uma normalização da violência que o artigo expõe e contesta vigorosamente. Por meio de uma seleção de notícias veiculadas na imprensa sobre o caso, o artigo evidencia a disputa discursiva entre interpretações de comportamentos, que influencia a opinião pública e, portanto, o status quo. A autora analisa, ainda, a relação dos movimentos feministas com as mídias sociais, em uma perspectiva em que a militância busca desconstruir as ‘normas’ que produzem a naturalização das violências sexuais contra as mulheres, indicando possibilidades de desmantelamento da cultura do estupro. Por fim, em fina sintonia com a contemporaneidade, a autora ressalta a urgência de se considerar a análise da cultura do estupro a partir de um olhar interseccional, rompendo com a universalização da categoria gênero e atentando-se para as diferenças nas experiências de ser mulher.

O artigo “Recursos argumentativos na hashtag #MeuAmigoSecreto: análise dos enunciados no Facebook”

também é um estudo de caso fundamentado no feminismo 2.0, termo que abarca práticas do movimento feminista ancoradas total ou parcialmente na internet, sobretudo nas redes sociais. No estudo, a autora aborda as escolhas argumentativas presentes nos enunciados vinculados à hashtag #MeuAmigoSecreto, publicados entre 25 e 30 de novembro de 2015 no Facebook, com base nas categorias postuladas por Fiorin (2016). Analisando 49 publicações (quali e quantitativamente) a partir de uma netnografia, observa-se, no uso das hashtags, o predomínio de argumentos que denunciam as violências de gênero com referências ao mundo objetivo, indicando que as construções sobre violência e machismo usam como base majoritariamente a noção de realidade e vivência compartilhadas entre mulheres. A ausência de surpresas com a interpretação deste dado aliada ao seu caráter relacional pelas mulheres que têm acesso ao estudo é desoladora, e mais um indicativo da necessidade de apontamento e reflexão sobre as violências sistêmicas apontadas neste dossiê. É lamentável, ainda, que as violências sejam um recorte tão recorrente em estudos de gênero e sexualidade, não porque não devam ser objeto de estudo, mas exatamente pelo contrário: a urgência em se compreender as violências em documentos como o presente aponta para sua repetida presença na materialidade do cotidiano.

No país em que uma menina de dez anos estuprada repetidamente desde os seis³ é chamada de “assassina” ao realizar o aborto legalmente assegurado, o artigo “As ordens de indexicalidade mobilizadas em discussões sobre aborto na internet” faz reverberar um debate que a todo custo os discursos moralizantes, conservadores, misóginos e/ou religiosos tentam silenciar pela via proibitiva. Desse modo, a partir da análise de comentários de usuárias assim autodeclaradas do site BabyCenter Brasil, plataforma voltada ao debate de questões relacionadas à maternidade, o trabalho busca compreender como as narrativas produzidas significam o aborto e as mulheres que o praticam. O estudo é realizado a partir do conceito de indexicalidade, conforme concebido por Silverstein (2003) e das pistas indexicais propostas por Wortham (2001), compreendendo que as ferramentas da cibercultura podem tanto reforçar quanto desestabilizar os construtos modernos de controle do corpo feminino que a temática do aborto põe em jogo.

3 “Menina de 10 anos violentada fará aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital”, notícia publicada no El País e disponível em shorturl.at/amqzC <Acesso em 16/08/2020>

Por fim, em “Eleições e redes sociais: Uma análise das postagens da candidata Manuela D’Ávila no Facebook”, temos a abordagem de um tópico que é um ponto nevrálgico para diversas questões levantadas no presente dossiê: representatividade política. O trabalho busca compreender a mobilização de uma ideia de feminino nas campanhas eleitorais de candidatas mulheres, analisando, para tal, como a então candidata à vice-presidência no último pleito eleitoral (2018) Manuela D’Ávila (PT/PCdoB/PROS) utilizou estereótipos de gênero como estratégia de campanha no Facebook. Ao contrário da interpretação dos dados de outros estudos presentes nesta coletânea, os resultados apontam para um horizonte otimista no recorte temático que se propõe a fazer. Ao contrário do que acontece nas estratégias historicamente masculinas e machistas, as postagens feitas no Facebook de Manuela apontam para a possibilidade de campanhas eleitorais de mulheres em que questões relacionadas às vivências das feminilidades sejam amplamente debatidas e não de forma essencializada, caindo em estereótipos pejorativos e/ou excludentes.

A perspectiva de mudanças no horizonte da política apontada pelo último artigo evidencia a resistência em se dobrar a normas e discursos que excluem, invisibilizam e violentam – não raramente de forma fatal – e, ao contrário, propõe novas construções, distintas das historicamente hegemônicas. É o que também, num recorte específico, e humildemente (mas nunca em subserviência), propomos com este dossiê. Neste momento em que há uma clara tentativa de silenciar a reflexão acerca de gênero e sexualidades, bem como a ciência de uma forma geral, evocamos o pensamento, a pesquisa, o método, as humanidades, as pluralidades, as dissidências. Resistimos, resistamos.

REFERÊNCIAS

PRECIADO, Paul, B. **Contrassexualidade**, p. 17–45. In: PRECIADO, Paul, B. Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

FIORIN, José. Luis. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34, 2001.

Apresentação – Relações de gênero e sexualidade na cibercultura

MONICA, Eder. F; COSTA, Ramon. S. **Privacidade, Liberdade Sexual e Sigilo:** sentidos de liberdade no aplicativo Grindr. Interfaces Científicas – Educação, v. 8, p. 99–116, 2020.

RUBIN, Gayle. **Thinking Sex:** Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality [1984]. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle e HALPERIN, David. (eds.) The Lesbian and Gay Studies Reader. Nova York, Routledge, 1993.

SILVERSTEIN, Michael. **Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life.** Language & Communication, 23, p.193–229, 2003.

WORTHAM, Stanton. **Narratives in action.** New York: Teacher College Press, 2001.